

## SEGUNDO ANEXO. RESPOSTA AOS CRÍTICOS

### 1. Resposta a I. Dashkóvski

Tradução do russo de Virgínio Gouveia e Tobias Vilhena<sup>1</sup>

#### § 1. O QUE É O TRABALHO ABSTRATO?

O trabalho abstrato no sistema de Marx é uma categoria *histórica ou a-histórica*<sup>2</sup>? Deveríamos considerá-lo *um conceito sociológico ou fisiológico*? Estas são as duas questões centrais às quais Dashkóvski quer responder em seu artigo “*Trabalho abstrato e categorias econômicas de Marx*” (revista *Под знаменем марксизма* [Sob a Bandeira do Marxismo], 1926, nº 6).

O autor dá uma resposta eclética a ambas as perguntas. Em sua opinião, o trabalho abstrato é uma categoria histórica e não-histórica, sociológica e fisiológica. Como veremos mais adiante, a resposta de Dashkóvski não passa de ecletismo e confusão, mas não nos confunde.

Comecemos com a primeira pergunta. Para evitar uma resposta direta e clara a essa pergunta, Dashkóvski substitui a divisão de duas categorias geralmente aceitas na literatura marxista – ou seja, categorias em dois termos: históricas e a-históricas – por uma divisão em três termos. O primeiro grupo é constituído por categorias “extra-históricas”, que nos dão “o conhecimento dos fundamentos de todo o ser econômico, comum a todas as épocas da história humana” (p. 198), por exemplo, os conceitos de produção em geral, instrumentos de trabalho, objetos de trabalho etc. Estas categorias e as leis “extra-históricas” que lhes correspondem “são uma introdução obrigatória ao estudo das formas histórico-econômicas”, são “definições sociológicas gerais que constituem a base da investigação econômica, não fazem parte do sistema da economia política no sentido estrito da palavra” (p. 198). O segundo grupo é

---

<sup>1</sup> Texto traduzido conforme a quarta edição russa dos *Ensaios sobre a Teoria do Valor de Marx*, de Rubin, publicada em Moscou em 1929. A revisão técnica da tradução coube a Rafael de Almeida Padial e a Ricardo Pereira de Melo. [NDT]

<sup>2</sup> No texto, Rubin se refere às vezes a categorias “trabalho” acompanhada pelos termos: “a-histórica” [неисторический], “não histórica” [доисторический] ou “extra-histórica” [вне истории]. Ao que nos parece, todas essas noções são similares e se contrapõem às categorias “históricas” ou “histórico-condicionais”. [NDT]

composto por “categorias históricas no sentido próprio da palavra” (p. 200). No entanto, I. Dashkóvski considera necessário dividir esse grupo em dois. Algumas categorias referem-se apenas à economia mercantil e, portanto, formam a “estrutura interna da sociedade burguesa” (por exemplo, as categorias “valor”, “mercadoria” etc.). Outras são apenas “aprofundamento de elementos já estabelecidos em período anterior. Neste caso, pode ser que o sentido histórico da categoria consista no fato de o conteúdo econômico correspondente, que tem um caráter comum a diferentes ou mesmo a todas as épocas, apenas se *manifeste* completamente numa determinada situação”. Marx refere-se à categoria de trabalho abstrato quanto a este grupo. O trabalho abstrato não é uma categoria que constitui a estrutura interna da sociedade burguesa. Aplica-se a todas as épocas, na medida em que se trata dele *como um conceito*, mas ele só se torna ‘prático-verdadeiro’ em certo estágio do desenvolvimento histórico. Essas categorias podem ser chamadas de *histórico-condicionais*” (p. 201) (grifos do autor [Dashkóvski]).

Graças à divisão das categorias “históricas” em dois grupos, Dashkóvski concebeu a seguinte divisão em três categorias:

- I. Categorias não-históricas.
- II. Categorias históricas no sentido próprio da palavra:
  - a) categorias históricas em sentido estrito;
  - b) categorias histórico-condicionais.

Segundo Dashkóvski, “o trabalho abstrato, o trabalho em geral, o trabalho como dispêndio fisiológico de músculos, nervos etc., é um conceito que vai bem além dos limites da organização interna da economia mercantil; é um conceito geral” (p. 203). É, por esta razão, que o trabalho abstrato não se constitui como uma categoria histórica no sentido estrito da palavra. Mas, por outro lado, ele também não pode ser classificado entre as categorias “extra-históricas”, uma vez que, na economia mercantil, em que existe uma indiferença dos indivíduos frente aos tipos concretos de trabalho, e onde os indivíduos passam facilmente de um tipo de trabalho a outro, o trabalho abstrato é “totalmente desenvolvido” e se manifesta “de forma ampla” (p. 201 e p. 203). Lembre-se que por esse motivo Dashkóvski não inclui o trabalho abstrato no primeiro grupo de categorias (às “não históricas”), mas às categorias histórico-condicionais, que por sua vez fazem parte do grupo das “*categorias históricas no sentido próprio da palavra*”.

Além disso, o leitor tem até mesmo o direito de pensar que Dashkóvski, para ser coerente, deveria ter reconhecido o trabalho abstrato como uma categoria “histórica no sentido estrito da palavra”. De fato, lemos acima que o trabalho abstrato pertence a todas as

épocas apenas na medida em que “falamos dele *como um conceito*, mas apenas se torna ‘prático-verdadeiro’ em determinado estágio do desenvolvimento histórico” (p. 201). Em outro lugar, Dashkóvski expressa seu pensamento ainda mais nitidamente: “o trabalho abstrato, existindo, por assim dizer, idealmente, nas épocas que precedem a economia mercantil, só encontra no mundo das mercadorias o solo para a sua *manifestação prática*” (p. 204, grifo nosso). Mas, se assim for, se o trabalho abstrato “encontra apenas na economia mercantil o terreno para a sua manifestação prática”, isto é, para a sua existência real (não apenas ideal), não somos obrigados a reconhecer a categoria do trabalho abstrato como “histórico no sentido estrito da palavra”? Não nos servem às categorias econômicas justamente para conhecer e explicar as épocas históricas em que os objetos correspondentes a essas categorias encontram terreno para a sua manifestação prática, isto é, começam a existir verdadeiramente? E não seria um completo contrassenso atribuir a épocas históricas uma categoria econômica cujo objeto correspondente não fundamenta qualquer base de manifestação prática, isto é – colocando simplesmente –, não existe de forma alguma?

No entanto, Dashkóvski não seria eclético nesse assunto se tirasse conclusões coerentes das suas próprias teses, citadas por nós. Tais conclusões inevitavelmente o levariam a abandonar o grupo astuciosamente concluído de “categorias condicionadas historicamente” e a reconhecer o trabalho abstrato como uma categoria histórica no sentido estrito da palavra, ou seja, organicamente ligada à economia mercantil. Mas é precisamente contra essa conclusão que Dashkóvski luta com todas as suas forças. Por isso, ele não tem outra escolha senão abandonar as suas próprias citações no decorrer da apresentação. Dashkóvski sente vagamente que é improvável que o leitor concorde em atribuir a categoria de trabalho abstrato a épocas históricas em que não havia base para a sua “manifestação prática” ou existência real. Ele se vê, portanto, compelido a renunciar às suas próprias teses e a procurar provas da existência real do trabalho abstrato em outras formas de economia, que se diferenciam da economia mercantil. Nessa busca, ele dirige o seu olhar tanto para a economia futura, a economia socialista, como para as formas da economia das épocas históricas anteriores.

Dashkóvski prova a existência real do trabalho abstrato na economia socialista da maneira mais fácil possível. Quais são as condições sob as quais o trabalho abstrato pode se manifestar na prática? Estas condições [segundo ele] são: a indiferença dos indivíduos em relação a determinados tipos de trabalho e a facilidade com que passam de um tipo de trabalho a outro (p. 203). No socialismo, essas condições se realizarão ainda mais plenamente do que na economia mercantil: “Na sociedade socialista, elas se desenvolvem ainda mais. Ausência de qualquer tipo específico de trabalho predominante, a fácil transição de um tipo de

trabalho a outro, a perda da vinculação entre o processo de trabalho e um indivíduo determinado – tudo isso adquire no socialismo o seu desenvolvimento superior “(p. 204). Dashkóvski conclui que também o trabalho abstrato receberá o seu desenvolvimento mais elevado no socialismo.

Com essa argumentação, Dashkóvski inverte essencialmente a sua posição sobre a natureza “histórico-condicional” do trabalho abstrato. Anteriormente, ele reconheceria que o trabalho abstrato estava ligado à economia mercantil, ainda que por frágeis laços histórico-condicionais. Agora estamos no direito de concluir que se reconhecemos a categoria do trabalho abstrato como “condicionada historicamente”, então devemos atribui-la mais a uma economia socialista do que a uma mercantil. Mas, nesse caso, não se pode compreender por que Marx deu a essa categoria uma importância tão central na compreensão da economia mercantil. Também não se pode entender por que o próprio Dashkóvski atribuiu o trabalho abstrato ao número das categorias “histórico-condicionais” da economia mercantil. Parece que o termo “histórico” é empregado por ele num sentido completamente diferente do usualmente aceito: a categoria do trabalho abstrato é considerada histórico-condicional por ele não porque “se manifesta praticamente” só numa época histórica determinada, mas porque “se manifesta praticamente” apenas *a partir* de uma determinada época histórica (a época da economia mercantil).

Mesmo que admitamos com Dashkóvski o direito a um uso tão incomum do termo “histórico”, não podemos salvá-lo de outras contradições mais flagrantes. Dashkóvski mal reconheceria o trabalho abstrato como uma categoria “histórico-condicional” da economia mercantil; mal afirmara, na sequência, que a categoria do trabalho abstrato obtinha o seu “desenvolvimento superior” numa economia socialista; quando então nos ensinou algo completamente novo: o trabalho abstrato existe em “qualquer sociedade” (p. 208), ou, mais precisamente, em qualquer economia baseada na divisão social do trabalho. Para provar a sua nova afirmação, Dashkóvski esquece apenas das condições de “manifestação prática” do trabalho abstrato que acabara de enumerar (ou seja, a indiferença pelo trabalho e a facilidade de transição dos indivíduos de um tipo de trabalho a outro); e toma como base outra característica: a necessidade de contabilidade social e a igualação do trabalho em qualquer economia baseada na divisão social do trabalho. Dashkóvski confunde qualquer trabalho “socialmente igualado” com trabalhos “abstratos”.

Para que o leitor não suspeite de que desejamos agora imputar pensamentos a Dashkóvski, deixemos algumas citações:

mesmo nas formações históricas em que o trabalho concreto

aparece diretamente como social, em que ele não precisa de um espelho distorcido entre relações reais e categorias abstratas, a função do trabalho abstrato é absolutamente necessária, na medida em que se trata de levar em conta a energia social do trabalho [общественной трудовой энергии]. A contabilidade só pode ser realizada em unidades de contagem abstratas, ou seja, em unidades contábeis. (p. 205).

A abstração em relação ao trabalho é necessária não apenas para transformar tipos privados de trabalho numa categoria qualitativamente diferente de trabalho social. É também necessário resumir e contabilizar o processo de trabalho em qualquer *sociedade* que, como salienta Marx, tem interesse sempre pela quantidade de tempo de trabalho despendido. (p. 208, grifo nosso).

Se a regulação do trabalho é uma necessidade econômica no socialismo (e *em todas as outras formas de economia*, uma vez que as pessoas sempre estiveram interessadas na quantidade de trabalho gasto na produção de meios de subsistência), na mesma medida é necessária uma constante abstração do trabalho concreto. A abstração nessas condições não é um luxo, não é um jogo vazio de fantasia, mas uma necessidade vital. Na sociedade mercantil, ela se realiza espontaneamente e através da mediação das coisas, na sociedade organizada, conscientemente. Mas a sua natureza qualitativa não muda por causa disso. (p. 210, grifo nosso).

O que realmente acontece numa economia baseada na divisão social do trabalho (mesmo que não na base de uma economia mercantil) é o progresso da equação social do trabalho, como já notamos na 1<sup>a</sup> edição dos *Ensaios Sobre a Teoria do Valor de Marx* (p. 52; na segunda edição, página 73). Mas esse trabalho socialmente igualado não deve ser confundido com trabalho abstrato, que representa uma forma especial de trabalho socialmente igualado. Encontramos uma confusão irremediável de ambos os conceitos em Dashkóvski. Mas, agora não estamos interessados nesse aspecto. Neste momento, propomo-nos a revelar não a incorreção do conceito de Dashkóvski, mas a sua inconsistência interna. Essa inconsistência não deixa de surpreender qualquer leitor mais ou menos atento. Se a “manifestação prática” do trabalho abstrato só é possível sob certas condições, realizadas nas economias mercantil e socialista (p. 203), pode-se dizer que o trabalho abstrato existe “em qualquer sociedade” (p. 208)? Se “toda forma de economia requer abstração constante do trabalho concreto” (p. 210), pode-se argumentar que o trabalho abstrato “encontra apenas no mundo mercantil o solo para a sua manifestação prática” (p. 204)? Se, em qualquer forma de economia, a abstração do trabalho concreto “não é um luxo, não é um mero jogo de fantasia, mas uma necessidade vital” (p. 210) e, portanto, um fato real, com que base Dashkóvski afirma que “nas eras anteriores à economia mercantil” o trabalho abstrato existia apenas “idealmente” (p. 204)? Dashkóvski ficou enredado nessas contradições desesperadoras precisamente porque se recusou a admitir clara e inequivocamente o caráter histórico da categoria do trabalho abstrato, em contraste com a categoria sociológica mais ampla de

trabalho socialmente igualado em geral. A mistura entre ambas as categorias levou Dashkóvski a julgamentos contraditórios: ora ele está disposto a admitir que o trabalho abstrato só encontra na economia mercantil a base para sua manifestação prática (e isso é verdade, já que estamos falando do trabalho abstrato que aparece na teoria de Marx); ora ele afirma a sua existência real em qualquer economia baseada na divisão social do trabalho (e isso é verdade, já que falamos de trabalho socialmente igualado em geral).

Temos acompanhado até agora as mutações mágicas da categoria do trabalho abstrato sob a pena de Dashkóvski. A princípio esta categoria foi reconhecida como condicionada historicamente; depois, aprendemos que ela é válida para as economias mercantis e socialistas, e é nestas que recebe o seu “desenvolvimento superior”; finalmente, foi-nos declarado que essa categoria se aplica não só “idealmente”, mas também “praticamente” a qualquer forma de economia baseada na divisão social do trabalho. A partir desse ponto, o passo é pequeno para o anúncio dessa categoria enquanto conceito “extra-histórico”. Parece que Dashkóvski deveria ter evitado esse último passo. Afinal, no início do seu artigo, ao dividir as categorias econômicas em a-históricas e históricas, ele passou da categoria do trabalho abstrato para estas últimas [isto é, as históricas], ainda que em sentido “condicional”. Mas, nosso autor, como já vimos, não tem medo de contradições. Portanto, não surpreende que, começando com saúde, tenha terminado na sepultura<sup>3</sup>. No início do artigo, ele relegou o trabalho abstrato às categorias históricas e, no final do artigo, declarou-o decididamente extra-histórico. Criticando a minha tese de que se o trabalho abstrato – segundo a doutrina de Marx – forma o valor e constitui o seu conteúdo, deve, portanto, ter um caráter histórico, Dashkóvski escreve: “É absolutamente infundado o argumento de que uma categoria histórica (isto é, o valor – I. R.) deve surgir apenas de uma outra categoria histórica (isto é, o trabalho abstrato – I. R.). Afinal de contas, toda forma de produção historicamente condicionada tem a sua base na relação eterna entre o homem e a natureza, [entre] as forças produtivas, dadas pela natureza, e o trabalho, “que é ele próprio uma manifestação de uma das forças da natureza, a força de trabalho humana” (*Crítica do Programa de Gotha* [texto de Marx]). Tais, trabalho e força de trabalho, são as fontes de todo o desenvolvimento e, portanto, de todas as categorias históricas. Aqueles que argumentam que às categorias históricas só podem ser geradas por outras categorias históricas perdem de vista o fato de que uma categoria é geralmente apenas uma *forma de manifestação* de leis a-históricas, como Marx nos lembrou na carta que citamos a Kugelmann (pp. 212-213). A partir dessa posição geral, Dashkóvski conclui o seguinte

---

<sup>3</sup> Expressão idiomática russa: “*Начали за здоровье, закончили за упокой*”, literalmente: “começaram pelo brinde à saúde, terminaram pelo repouso dos mortos”. [NDT]

sobre trabalho abstrato: “o trabalho abstrato cria o valor no sentido de que assume a forma de valor do produto do trabalho... É claro que o método de manifestação pode e deve ser de natureza histórica, enquanto o que serve de sujeito da manifestação não depende da evolução das formas sociais.” (p. 213). Em outras palavras, a categoria histórica do valor é a forma de manifestação da categoria extra-histórica do trabalho abstrato.

A seguir, submeteremos essa tese a uma análise crítica de fundo e procuraremos mostrar toda a sua falsidade. Por enquanto, limitamo-nos a afirmar que toda a gama concebível de julgamentos contraditórios sobre o trabalho abstrato foi elaborada, por Dashkóvski, com grande esforço. No início do artigo, ele dividiu as categorias econômicas em não-históricas e “históricas no sentido próprio” (p. 200). No início do artigo, o trabalho abstrato foi reconhecido como uma categoria condicionada historicamente [ou seja, dentro do grupo das categorias “históricas”], mas, no final do artigo, como uma categoria não-histórica. No final das contas, obtivemos quatro conceitos de trabalho abstrato:

- 1) Trabalho abstrato como categoria histórico-condicional, que só na economia mercantil encontra terreno para sua manifestação prática.
- 2) Trabalho abstrato como categoria válida para as economias mercantil e socialista, onde os indivíduos passam facilmente de um determinado tipo de trabalho a outro.
- 3) Trabalho abstrato como trabalho socialmente igualado em geral; como categoria válida para qualquer forma de economia baseada na divisão social do trabalho.
- 4) Trabalho abstrato como categoria não-histórica. Considerado como pressuposto material-técnico e biológico do processo social de produção.

Como se pode ver, Dashkóvski faz uma bagunça com conceitos tão heterogêneos quanto trabalho fisiológico, trabalho socialmente igualado em geral e trabalho abstrato, característico da economia mercantil. Combinando todos esses conceitos heterogêneos com o termo “trabalho abstrato”, ele fez uma confusão completa em sua descrição. Com a ajuda de uma análise cuidadosa, o leitor, para a sua surpresa, descobre que em uma página o nosso autor, sob o nome de trabalho abstrato, trata do trabalho fisiológico; noutra página, do trabalho socialmente igualado –, mas nunca define esse termo exatamente como aquele trabalho que Marx tinha em mente em sua teoria do valor, ou seja, o trabalho formador de valor e característico da economia mercantil. A confusão notória de Dashkóvski o impede não apenas de fornecer uma resposta correta, mas também uma resposta mais ou menos clara à questão de saber se a categoria do trabalho abstrato tem um caráter histórico ou não-histórico. Eis por que também não encontraremos nele uma resposta clara à questão da natureza fisiológica ou social do trabalho abstrato.

Por um lado, Dashkóvski, em muitos lugares, iguala o trabalho abstrato ao trabalho fisiológico. “O trabalho abstrato, o trabalho em geral, o trabalho como dispêndio fisiológico de músculos, nervos etc., é um conceito que se encontra muito além da organização interna da economia mercantil” (p. 203). Na página 204, considera-se o abstrato como: “O trabalho como dispêndio de energia fisiológica sob forma indiferente”. Na p. 218, o autor nos adverte contra as conclusões errôneas a que chegaremos se admitirmos que “o trabalho abstrato não é trabalho em sentido fisiológico”.

Com base nessas expressões, muitos leitores se referiram a Dashkóvski como um dos defensores da compreensão fisiológica do trabalho abstrato. Mas, por outro lado, também encontraremos nele vestígios da concepção sociológica do trabalho abstrato:

Ao mesmo tempo, resolve-se também a questão do caráter social do trabalho abstrato. O trabalho abstrato é trabalho social, tomado não na diversidade das suas funções, manifestações e resultados, mas na monotonia de seu processo fisiológico (...) A redução do trabalho abstrato a gasto simples e impessoal (embora realizado por indivíduos) de energia fisiológica é a expressão suprema do caráter social do trabalho, apesar de, à primeira vista, parecer uma *categoria naturalista*. A ‘fisiologia’ é, neste caso, um *pseudônimo* [севдоним] para impessoalidade, igualdade absoluta de todos os trabalhos humanos, igualdade de todos os produtores, tomados como tais, ou seja, na simples qualidade de condutores de energia social. Que outros conteúdos sociais se pode exigir de uma categoria econômica?” (páginas 211-212, grifo nosso).

Agora aprendemos algo completamente novo: descobrimos que a categoria de trabalho abstrato é apenas “na aparência” uma categoria naturalista, e, consequentemente, a fisiológica. Mas, se assim for, por que repetir a cada passo que trabalho abstrato é “trabalho no sentido fisiológico”? O próprio Dashkóvski reconhece que, neste caso, a “fisiologia” serve apenas como um “pseudônimo” do processo social, da despersonalização e igualação do trabalho. Mas, desde quando a ciência pensa e se expressa com a ajuda de “pseudônimos”? Não seria o dever primordial da ciência justamente a denúncia resoluta de todo tipo de pseudônimo, que apenas induz o leitor ao erro? E não seria útil também, desse ponto de vista, criticar a compreensão fisiológica do trabalho abstrato como – segundo admite o próprio Dashkóvski – um “pseudônimo” científico?

## § 2. PONTOS DE VISTA METODOLÓGICOS DE DASHKÓVSKI

O leitor não deixa de se surpreender com a forma com que o nosso autor, ao longo desse pequeno artigo, além de tratar de uma questão específica e com o objetivo de fazer uma análise crítica das opiniões de outro autor, conseguiu expressar tantas opiniões contraditórias

sobre trabalho abstrato. A fonte dessas contradições de Dashkóvski encontra-se na ambiguidade da colocação *metodológica* da questão. Por um lado, ele acredita corretamente que “a economia política é a ciência das formas sociais específicas em que se realiza a troca metabólica entre o homem e a natureza” (p. 198);

A teoria marxista colocou a ciência no enquadramento correto, fazendo da *forma das relações econômicas* o seu centro (p. 199, grifo do autor). Por outro lado, encontramos nele uma série de formulações de caráter completamente diferente: “A tarefa da ciência econômica deve consistir em reduzir as formas capitalistas específicas de manifestação das leis da ‘produção da vida social’ a essas mesmas leis, para ‘revelar’, através da análise abstrata, a *estrutura interna do tecido econômico*, obscurecida e mascarada por formas contraditórias da economia capitalista. (p. 218, grifo nosso).

“A redução das formas específicas às suas *bases gerais* na forma teórica é a tarefa de toda ciência.” (p. 197, grifo nosso).

Dashkóvski não percebe que as duas formulações dadas são de forma alguma idênticas. Uma coisa é limitar a tarefa da teoria econômica à redução analítica das formas sociais historicamente determinadas da economia capitalista a suas bases não-históricas, materiais e técnicas do processo de produção. Outra coisa, completamente diferente, é estudar a origem e o funcionamento dessas formas sociais específicas e historicamente condicionadas da economia, [que são o] resultado de um certo desenvolvimento do processo material e técnico de produção. No primeiro caso, o pesquisador considera a forma social da economia (isto é, as relações de produção entre as pessoas) como uma casca exterior e acidental, que deve ser removida através de análises científicas, a fim de revelar a “estrutura interna do tecido econômico” subjacente (ou seja, o processo material e técnico de produção). No segundo caso, o objeto da nossa pesquisa são precisamente as relações de produção entre as pessoas, como uma forma necessária, historicamente determinada e em desenvolvimento regular do processo de produção. É desnecessário acrescentar que precisamente o primeiro método caracteriza a economia política burguesa e o segundo, a doutrina de Marx. Deve ser feita uma escolha entre os dois métodos, e a tentativa de Dashkóvski de “sentar-se entre duas cadeiras” o levou a inúmeras contradições.

Dashkóvski enfatiza que as leis da economia mercantil capitalista são apenas “formas de manifestação das leis da produção social da vida” (pág. 218) ou os fundamentos de todo ser econômico, comuns a todas as épocas da história humana (pág. 198). É exatamente por isso que “reduzir as formas especiais aos seus fundamentos gerais” constitui, na opinião do autor, a tarefa da economia política. Com o uso do termo “formas de manifestação”, nosso autor aparentemente espera aproximar a sua terminologia da de Marx, que censurou os

economistas vulgares por se limitarem ao estudo da “forma da manifestação” das relações econômicas. Mas, com o mesmo termo “formas de manifestação”, Dashkóvski entende algo completamente diferente do que Marx. Marx, no Capítulo 48 do Volume III de *O Capital*, contrasta a “forma alienada das relações econômicas” com essas próprias relações (*O Capital*, v. III, 1894, p. 352. Tradução russa: 1908, pp. 288-289). Ele apela aos economistas para que revelem sob as categorias econômicas materiais de valor, capital etc. “relações econômicas” entre as pessoas ou a conexão interna das relações de produção burguesas” (*O Capital*, cap. I, nota 32). Dashkóvski, que considera as relações burguesas de produção apenas como formas de manifestação dos “fundamentos de toda a vida econômica, comuns a todos estes elementos da história humana”, chama a nossa atenção para a “estrutura interna do tecido econômico”, pelo que ele comprehende as leis do processo material e técnico de produção. Basta comparar a “ligação interna das relações burguesas de produção”, de Marx, com a “estrutura interna do tecido econômico”, de Dashkóvski, para compreender a profunda diferença entre a colocação metodológica do problema entre um e outro.

Em outras palavras, Dashkóvski presta homenagem ao método de Marx, que fez “da forma das relações econômicas o centro da investigação” (p. 199). Mas, como se vê, ele imediatamente se contradiz, limitando a tarefa da economia política à “redução analítica das formas particulares aos seus fundamentos gerais”. Esta formulação já revela a incompreensão dos aspectos mais característicos e valiosos do método de investigação de Marx. Mas, ainda mais claramente do que em palavras, Dashkóvski revela em fatos a sua incapacidade de operar com o poder desse método. Nossa autor tinha diante de si a tarefa promissora de mostrar a originalidade do método de pesquisa de Marx, usando como exemplo concreto a doutrina do trabalho abstrato. Se a originalidade do método de Marx residiria, nas palavras do próprio Dashkóvski, no fato de ele ter feito “da forma das relações econômicas o centro da investigação”, então, ao que parece, essa originalidade do método de investigação não poderia deixar de se refletir na doutrina do trabalho abstrato, parte central da teoria do valor de Marx. Mas, Dashkóvski pensa diferente: na sua opinião, o trabalho abstrato representa uma categoria que – pelo menos “idealmente” – se aplica a todas as épocas históricas, independentemente das “formas de relações econômicas” que as caracterizam. É verdade que o nosso autor comprehende perfeitamente que a abstração das particularidades concretas do trabalho se realiza na economia mercantil, em sua natureza especial e forma específica, nomeadamente através da troca de produtos do trabalho como valores. Mas, é precisamente esta forma específica, caracterizadora da igualação social do trabalho numa sociedade mercantil, que o autor ignora na sua própria definição de trabalho abstrato: “Numa sociedade mercantil, ela (a

abstração. I.R.) ocorre espontaneamente e por meio das coisas; numa sociedade organizada – conscientemente. Mas, a partir disso, *sua natureza qualitativa não muda*” (p. 210, grifo nosso). As palavras que sublinhamos revelam claramente a falácia de todo o método de Dashkóvski. Para Marx, a “natureza qualitativa” das categorias econômicas é determinada pela forma social da economia ou pela natureza das relações de produção das pessoas; de acordo com Dashkóvski, às categorias econômicas têm uma “natureza qualitativa” fixa (pelo menos ao longo de várias épocas históricas), que, no entanto, reveste-se de diferentes formas externas em diferentes épocas históricas, mas na sua essência isso não muda em nada. Nas condições de uma economia mercantil, a categoria extra-histórica do trabalho abstrato assume a forma de valor, mas esta forma de valor permanece algo externo e alheio à natureza do próprio trabalho abstrato. Uma ruptura bruta entre o conteúdo e a forma das categorias econômicas; um fosso acentuado entre o trabalho abstrato e o valor – eis a conclusão lógica a que conduz a construção de Dashkóvski.

Em qualquer sentido que entendamos o trabalho abstrato segundo Dashkóvski, quer falemos de trabalho fisiológico ou de trabalho socialmente igualado em geral, ou, finalmente, de algum tipo de trabalho “abstrato” que caracteriza igualmente as economias mercantil e socialista, em todos esses casos – o trabalho abstrato não é o trabalho que cria valor. Pois o valor só aparece na economia mercantil, enquanto o trabalho abstrato, segundo Dashkóvski, existe também fora da economia comercial. A lacuna entre o trabalho abstrato e o valor constitui a principal falha de toda a estrutura de Dashkóvski e o ponto central da sua divergência em relação a Marx. Para amenizar um pouco a sua discrepância em relação a Marx, Dashkóvski nos explica em tom didático que, de acordo com os ensinamentos de Marx, o trabalho abstrato não cria valor “no sentido físico literal”, mas apenas “assume a forma de valor do produto do trabalho” (p. 213). O tom instrutivo de Dashkóvski é tanto menos apropriado quanto neste ponto, ele apenas repete a posição fundamentada detalhadamente nas duas primeiras edições da minha obra *Ensaios sobre a Teoria do Valor de Marx*. Não há dúvida que, na opinião de Marx, o trabalho cria ou forma (*bildet*) valor, no sentido de que assume a forma do valor dos produtos do trabalho. O trabalho abstrato representa o *conteúdo* do valor, ou o valor é a *forma* pela qual o trabalho abstrato é expresso. Mas, será possível tirar daí a conclusão que tira Dashkóvski, a saber, que “a forma de expressão pode e deve ser de natureza histórica, enquanto o objeto expressado não depende da evolução das formas sociais” (p. 213)?

Dashkóvski acredita que o valor, como categoria histórica, é uma forma de expressar a categoria extra-histórica do trabalho abstrato. Esta suposição de Dashkóvski é

fundamentalmente falsa, tanto do ponto de vista metodológico quanto em sua essência. Do ponto de vista metodológico, ela padece de uma total incompreensão da relação entre o conteúdo e a forma das categorias econômicas. Na apresentação de Dashkóvski, a forma (ou seja, o valor) aparece como algo externo ao conteúdo (ou seja, o trabalho) e externamente ligado a ele num determinado estágio do desenvolvimento histórico (ou seja, na economia mercantil). O trabalho abstrato, que por sua “natureza qualitativa” permanece inalterado ao longo de várias ou mesmo de todas as épocas históricas, assume a forma de valor na economia mercantil, o que não altera a natureza do próprio trabalho abstrato e, portanto, representa algo externo em relação a ele. O trabalho abstrato atua aqui como um manequim imóvel, no qual é colocado um ou outro traje. A forma não está organicamente relacionada ao conteúdo.

É desnecessário provar que essa ideia equivocada da relação entre conteúdo e forma foi partilhada por Kant, mas não por Hegel e Marx. Marx, como Hegel, considerava a forma indissoluvelmente ligada ao conteúdo: o próprio conteúdo, desenvolvendo-se, cria a sua forma correspondente. Só o próprio desenvolvimento do trabalho social cria valor como a forma específica em que o trabalho é expresso. Uma afirmação oposta não só contraria o ensinamento de Marx sobre a relação entre conteúdo e forma, mas também torna incompreensível a emergência do valor. Como surge o valor, enquanto forma social especial dos produtos do trabalho? O trabalho assume a forma de valor – responde Dashkóvski. Mas, o trabalho, de acordo com Dashkóvski, não mudou a sua natureza qualitativa, permanecendo o mesmo que antes de sua expressão em valor. Mas, nesse caso, por que assume a forma de valor? Obviamente, apenas porque a natureza qualitativa *do próprio trabalho* mudou. O trabalho social, num determinado estágio do desenvolvimento histórico, assume uma certa forma social, e só a emergência dessa nova forma de trabalho nos explica a emergência da forma correspondente de *produtos de trabalho*, isto é, o valor. Se o trabalho abstrato assume a forma de valor, e o próprio Dashkóvski admite isso, então é necessário chegar à conclusão que o conceito de trabalho abstrato já inclui uma certa organização social do trabalho numa economia mercantil e, portanto, a categoria de trabalho abstrato deve ser reconhecida como histórica no sentido estrito da palavra.

Dashkóvski nos lança a seguinte acusação: “se nos apegarmos às definições de Rubin, então chegaremos inevitavelmente à conclusão de que não é o trabalho abstrato que cria valor, mas, ao contrário, é a categoria de valor que cria a do trabalho abstrato” (p. 13). Após o exposto acima, o leitor deve notar que não sou eu, mas Dashkóvski quem transfere o centro da pesquisa sobre a categoria de trabalho abstrato para a categoria do valor. De fato, afirmo que o surgimento do valor, como forma social especial dos produtos do trabalho, é apenas o

resultado de um processo histórico de mudanças realizadas no próprio trabalho social: na medida em que o trabalho social assume a forma social do trabalho abstrato, seus produtos assumem a forma social de valor. Na opinião de Dashkóvski, entretanto, a natureza qualitativa do trabalho abstrato não muda em nada com a transição para uma economia mercantil: a economia mercantil distingue-se das outras formas de economia apenas pelo fato de que nele o trabalho abstrato se expressa na forma material do valor. “Não é no trabalho abstrato, que constitui o ‘conteúdo é um determinado valor’, que precisamos procurar as peculiaridades da economia mercantil (...), mas apenas no fato de que todas estas determinações (do trabalho, I.R.) recebem uma expressão material” (p. 206) no valor dos produtos do trabalho. Isso não significa transformar o valor, que, segundo os ensinamentos de Marx, é apenas uma expressão do trabalho social, em uma categoria autônoma, que determina as características de uma economia mercantil? Essa avaliação exagerada do papel do valor decorre inevitavelmente de toda a concepção de Dashkóvski. Com efeito, se, por um lado, o trabalho abstrato não é reconhecido como característica da economia mercantil, e, por outro, o valor é acrescentado externamente ao trabalho abstrato, não gerado pelo desenvolvimento do próprio trabalho social, só pode haver uma conclusão: as características da economia mercantil não estão enraizadas numa forma social particular de organização do trabalho, mas na forma social do valor, considerada como algo independente em relação ao trabalho social.

Como se vê, Dashkóvski separa a categoria do valor da categoria do trabalho abstrato. Em sua opinião, a categoria do valor é inerente apenas à economia mercantil, enquanto a categoria do trabalho abstrato é inerente também a outras formas de economia. O trabalho abstrato pode assumir a forma de valor (o que ocorre numa economia mercantil), mas pode não assumir essa forma (o que ocorre, por exemplo, numa economia socialista). O trabalho abstrato e o valor não estão ligados por uma conexão orgânica interna. A ligação entre eles é puramente externa: num determinado estágio do desenvolvimento histórico, o valor é acrescentado ao trabalho abstrato como uma forma independente, externa ao próprio trabalho abstrato.

O conceito apresentado por Dashkóvski diverge tão nitidamente da doutrina de Marx que o leitor não pode deixar de perguntar: o que deu ao nosso autor razão para afirmar que a categoria do trabalho abstrato, diferentemente da categoria do valor, possui uma característica “pré-histórica” (ou “condicionada historicamente”)? Para provar essa afirmação, Dashkóvski não pode citar nada exceto uma citação mal compreendida de Marx. Falamos dos famosos argumentos de Marx sobre o trabalho abstrato na “Introdução” a *Para a Crítica da Economia Política*<sup>4</sup>. Marx nos mostra a evolução do conceito de “trabalho” na economia política. Os

mercantilistas e fisiocratas viam a fonte da riqueza em determinado trabalho concreto (comércio ou agricultura). Apenas Smith viu a fonte da riqueza no trabalho em geral, no “conceito abstrato e geral de atividade que cria riqueza”<sup>5</sup>. Marx, em seguida, apresenta a questão: esse conceito abstrato de trabalho é aplicável a todas as épocas históricas em geral ou é uma expressão da economia burguesa moderna? À primeira vista, parece indiscutível que devemos responder no primeiro sentido. Parece que se pode aplicar o “trabalho em geral” tanto ao caçador primitivo quanto ao camponês medieval. “Pode parecer que com isso encontramos uma expressão para a relação mais simples e antiga em que o homem, sob quaisquer formas sociais, atua como produtor. Isto é verdade por um lado, mas falso por outro”.

Depois disso, Marx nos explica detalhadamente porque isso é “por outro lado falso”. Ele observa que a indiferença a qualquer tipo particular de trabalho corresponde à forma social em que os indivíduos passam facilmente de um tipo de trabalho a outro e em que qualquer trabalho específico é acidental (portanto, indiferente) para eles. Aqui, o trabalho em geral, não só na categoria, mas também *na realidade*, tornou-se um meio de criação de riqueza em geral e perdeu a ligação com um indivíduo específico. Essa condição atingiu o seu maior desenvolvimento na *forma mais moderna* de existência da sociedade burguesa, nos Estados Unidos. Aqui, portanto, a categoria abstrata do “trabalho”, do “trabalho em geral”, do trabalho *sans phrase*, este ponto de partida da ciência econômica moderna, torna-se, pela primeira vez, uma verdade prática. Portanto, a abstração mais simples que a economia moderna coloca em primeiro lugar e que exprime o significado mais antigo para todas as formas sociais, torna-se *nessa abstração uma verdade prática* apenas como uma categoria da sociedade mais moderna (...) Esse exemplo do trabalho demonstra de forma convincente que até mesmo as categorias mais simples, apesar de que, justamente devido à sua abstração, sejam aplicáveis a todas as épocas, em sua própria determinação abstrata são igualmente produtos de *condições históricas* e possuem *pleno significado* apenas para essas condições e dentro delas<sup>6</sup>.

Fomos forçados a citar esse longo trecho, uma vez que apenas uma falsa compreensão das palavras citadas de Marx poderia dar a Dashkóvski uma razão para falar sobre a natureza “histórico-condicional” ou “não-histórica” do trabalho abstrato.

---

<sup>4</sup> Cabe lembrar que essa “Introdução” não foi publicada por Marx e veio a público décadas após a sua morte. [Nota dos revisores técnicos].

<sup>5</sup> Marx, “*Introdução à crítica da economia política*”, p. 26.

<sup>6</sup> Idem, p. 27

Qualquer leitor sem preconceitos, tendo lido as passagens de Marx integralmente citadas, certifica-se de que Marx, nesse caso, quer demonstrar exatamente o oposto do que afirma Dashkóvski. Marx nos mostra a superficialidade da ideia atual de que o conceito de “trabalho em geral” é expressão da relação mais simples e mais antiga, na qual nenhuma forma social aparece como produtora. Marx sublinha que a categoria do trabalho abstrato se torna “verdade prática” e tem “pleno significado” apenas nas condições de uma economia burguesa. É verdade que Dashkóvski, referindo-se a essas palavras de Marx, tentou demonstrar que o trabalho abstrato, “na medida em que se trata dele *como um conceito*” (p. 201), aplica-se a todas as épocas históricas. Mas, aqui devemos repetir a questão que colocamos no início deste artigo: não deveríamos atribuir categorias econômicas às épocas históricas precisamente quando os fenômenos reais que lhes correspondem existem “na realidade”, ou seja, quando essas categorias se tornam “verdade prática” e têm “pleno significado”? Agir de outro modo seria sacrificar o conhecimento concreto por um jogo estéril de conceitos abstratos, os quais, como disse Marx, “são precisamente por sua abstração aplicáveis a todas as épocas”. Isso significaria esquecer que esses conceitos abstratos, na própria certeza dessa abstração, são um produto das condições históricas e têm total importância apenas para essas condições e no interior delas.

Como vemos, as palavras citadas de Marx provam exatamente o oposto do que Dashkóvski afirma.

Estaremos ainda mais convencidos disso se, sem nos limitarmos às passagens citadas, as considerarmos no contexto em que são apresentadas por Marx. Às passagens citadas estão na seção intitulada “*O método da economia política*”. No início desta seção aprendemos que os economistas do século XVII “identificaram, através da análise, certas relações gerais abstratas determinantes, tais como a divisão do trabalho, o dinheiro, o valor, etc.”<sup>7</sup>. Revelar a estrutura lógica e o significado metodológico dessas categorias abstratas é a tarefa que Marx se propõe nesse lugar. A conclusão geral que ele antecipa é que uma categoria abstrata “não pode existir senão como uma relação abstrata e unilateral de um todo concreto e vivo já dado”<sup>8</sup>. Marx dedica as páginas subsequentes à fundamentação dessa conclusão (pp. 24-28).

A lista de categorias abstratas dadas por Marx (nomeadamente, a divisão do trabalho, o dinheiro, o valor) já mostra que neste ponto a sua atenção foi atraída principalmente para as categorias que caracterizam a *economia mercantil simples* [*постое товарное хозяйство*].

---

<sup>7</sup> Idem, pág. 23.

<sup>8</sup> Idem, pág. 24.

As considerações posteriores de Marx nos convencem disso definitivamente. Nas páginas 24- 28, Marx fundamenta a sua conclusão geral por meio da análise de categorias abstratas isoladas. Que categorias ele escolheu para tal objetivo? A leitura atenta das páginas 24-28 convence o leitor de que Marx escolhe, para essa finalidade, três “categorias econômicas mais simples” em sequência: o *valor* (que aqui, como em *Para a Crítica da Economia Política*, ele também chama de *Tauschwert*, ou seja, valor de troca), o *dinheiro* e o *trabalho abstrato*<sup>9</sup>. Em Marx, portanto, trata-se das categorias da economia mercantil simples. Qual é a relação entre às categorias abstratas da economia mercantil simples (valor, dinheiro, trabalho abstrato) e o verdadeiro objeto da economia política, ou seja, a economia capitalista – eis a questão que ocupa aqui o pensamento de Marx. Essa relação é dupla – responde ele à pergunta. Por um lado, essas categorias aplicam-se também às épocas históricas que precederam a economia capitalista; por outro lado, apenas nesta se manifestam com força total.

Nos seus argumentos nas páginas 24-28, Marx coloca às categorias de capitalismo, dinheiro e trabalho abstrato em pé de igualdade. Todas elas, no entanto, estão numa relação ambivalente com a economia capitalista. Por exemplo, o valor de troca, como categoria, tem uma existência antediluviana<sup>10</sup>, isto é, existe antes do aparecimento da economia capitalista. Mas, por outro lado, “só pode existir como uma relação abstrata, unilateral de um todo concreto vivo e já dado<sup>11</sup>”.

O mesmo se aplica ao dinheiro. Por um lado, “o dinheiro pode existir e existiu historicamente antes do capital, antes dos bancos, antes do trabalho assalariado etc.” Por outro lado, “esta categoria completamente simples (isto é, dinheiro, I.R.) emerge historicamente com toda a sua força apenas nas relações sociais mais desenvolvidas”<sup>12</sup>. Finalmente, como vimos acima, a categoria do trabalho abstrato também revela uma relação dual numa economia capitalista.

---

<sup>9</sup> A análise do valor é dada nas páginas 24-25; do dinheiro, nas páginas 25-26; do trabalho abstrato, nas páginas 26-28.

<sup>10</sup> Idem, p. 24.

<sup>11</sup> Idem, p. 24.

<sup>12</sup> Idem, 25-26. *O Capital*, tomo I, ed. russa de 1923, pág. 111, 112. Onde Marx repete a mesma ideia sobre a dupla relação das categorias da economia mercantil simples (valor e dinheiro) com a economia capitalista. Por um lado, a transformação de um produto em mercadoria “encontra-se em formações socioeconômicas historicamente muito diferentes”. Por outro lado, a transformação de produtos em mercadorias “é realizada com base em um modo de produção muito específico e particularmente capitalista”.

O que foi exposto nos dá, em todos os casos, o direito de tirar a seguinte conclusão indiscutível: Marx coloca a categoria do trabalho abstrato em pé de igualdade com as outras categorias da economia mercantil simples, a saber, o valor e o dinheiro. Isto prova a completa falácia da tentativa de Dashkóvski de traçar uma linha nítida entre a categoria “a-histórica” (ou “condicionada historicamente”) de trabalho abstrato e a categoria “histórica” de valor. Dashkóvski deve fazer a seguinte escolha: ou ele apoia a sua posição sobre o caráter “a-histórico” (ou “condicionado historicamente”) do trabalho abstrato, e então deve necessariamente reconhecer o mesmo caráter para a categoria de valor; ou ele, de acordo com o próprio Marx e a esmagadora maioria dos economistas marxistas, reconhece o caráter histórico da categoria de valor, e então deve reconhecer o mesmo para o trabalho abstrato. Em ambos os casos, a engenhosa construção de Dashkóvski se desintegra como um castelo de cartas.

Toda construção de Dashkóvski está baseada no seguinte erro: o nosso autor simplesmente esqueceu a diferença entre as categorias de uma *economia mercantil simples* e as categorias de uma *economia capitalista*. Baseado no fato de que o conceito de trabalho abstrato não expressa a “estrutura interna” da *economia capitalista*, ele conclui o caráter “a-histórico” dessa categoria. Ele se esquece de que entre as categorias da economia capitalista e as categorias “a-históricas” também existem as categorias da *economia mercantil simples*, às quais pertencem as categorias de trabalho abstrato, valor e dinheiro. Até que ponto Dashkóvski é culpado pela confusão grosseira entre as categorias da *economia mercantil simples* e da *economia capitalista* pode ser visto nos dois exemplos a seguir. Na página 202, ele diz que “o trabalho abstrato, segundo Rubin, é uma categoria da economia mercantil no mesmo sentido que o dinheiro, valor, mercadoria, capital etc”. Nosso autor parece não compreender que a categoria do capital não pode ser equiparada à do valor e do dinheiro. Que não se trata de mero deslize de linguagem de Dashkóvski fica evidente a partir de suas palavras análogas na página 218, onde ele me repreende pelo pretenso desejo de colocar o trabalho abstrato “entre as outras categorias da economia burguesa, como lucro, juros, capital, classes etc.” A falta de fundamento dessa censura é impressionante. Nunca propus colocar a categoria do trabalho abstrato no mesmo nível das categorias da economia capitalista, o capital, o lucro e afins. Mas, propus colocar a categoria do trabalho abstrato no mesmo nível de outras categorias da economia mercantil simples, isto é, valor e dinheiro.

O número de erros e formulações contraditórias encontrados no artigo de Dashkóvski poderia, se desejássemos, ser multiplicado, mas podemos nos limitar à análise já realizada das principais posições do autor, deixando de lado erros e contradições secundários. Mencionemos apenas alguns deles. Na página 214, Dashkóvski me acusa de não reconhecer de forma alguma a existência de trabalho abstrato no processo de produção antes da realização do ato de troca no mercado (uma análise detalhada dessas acusações será feita por nós a seguir, ao discutir o livro de Shabs<sup>13</sup>). Para a nossa surpresa, na página 207 de Dashkóvski lemos:

Numa economia mercantil, o trabalho privado dos produtores independentes transforma-se em trabalho social no mercado, em primeiro lugar porque os seus produtos assumem a forma de mercadorias, e, em segundo lugar, porque graças a essa *igualação mútua de mercadorias* e somente através dela há uma abstração das características específicas do trabalho, [há] a *transformação do trabalho concreto em abstrato*. (grifo nosso).

Dasckóvski não repete aqui, como em muitos outros lugares do seu artigo, às formulações dadas por mim nos *Ensaios [Sobre a Teoria do Valor de Marx]*?

Daremos outro exemplo. Nas páginas 205 e 207, Dashkóvski concorda plenamente com a visão que defendo, de que numa economia mercantil o trabalho, na sua forma concreta, ainda não é diretamente trabalho social. Inesperadamente, na página 210, todos esses longos argumentos do autor são reduzidos a zero pela afirmação seguinte: “No entanto, de um ponto de vista *objetivo*, o trabalho concreto, mesmo nas condições de uma economia mercantil, é também trabalho social” (grifo nosso). Segue-se daí que toda a diferença entre a natureza do trabalho social numa economia organizada e numa economia não organizada – a diferença reconhecida pelo próprio Dashkóvski nas páginas 205-206 – é válida apenas de um ponto de vista *subjetivo*. Efetivamente, na página 211 o nosso autor afirma: “Mas mesmo numa economia mercantil, o trabalho concreto é apenas na aparência, apenas *subjetivamente*, para o seu produtor, uma categoria técnico-natural, trabalho privado” (grifo nosso). Não vou insistir no erro de Dashkóvski, ao considerar o trabalho “privado” como uma categoria “técnico-natural”: encontraremos o mesmo erro abaixo, ao analisarmos as convicções do nosso outro crítico, Shabs. Notemos apenas que a característica “privada” do trabalho – uma característica social tão fundamental numa economia mercantil – é concebida por Dashkóvski como algo puramente *subjetivo*. Aparentemente, ele não sabe que Marx há muito se manifestava contra uma visão semelhante de Adam Smith, que

---

<sup>13</sup> Trata-se de referência à segunda “resposta aos críticos” de Rubin, presente nas terceira e quarta edições de seus *Ensaios sobre a Teoria do Valor de Marx*. A segunda resposta é dedicada a C. Shabs. A terceira, a A. Kon. A quarta, a C. Bessonov. [Nota dos revisores técnicos].

quer nos assegurar de que tal divisão social do trabalho difere da divisão industrial apenas *subjetivamente*, somente para o observador que, na manufatura, pode contemplar, num piscar de olhos, os diversos trabalhos parciais unidos espacialmente; enquanto na produção social essa ligação fica obscurecida graças à dispersão das indústrias individuais numa área considerável e devido ao grande número de trabalhadores empregados em cada indústria.” (*O Capital*, tom 1, ed. russa de 1923, p. 267).

Notamos de passagem algumas das contradições mais evidentes de Dashkóvski. Consideramos desnecessário nos deter detalhadamente em outras questões que ele levantou sobre a natureza do trabalho social numa economia mercantil e a ligação entre troca e trabalho abstrato, já que trataremos dessas mesmas questões mais detalhadamente a seguir, ao analisar o livro do nosso outro crítico, Shabs. Lá abordaremos essas questões em maior detalhe.

Como conclusão, salientamos que apesar de considerarmos completamente equivocada a solução positiva proposta por Dashkóvski a questões controversas, admitimos que o seu artigo representa uma tentativa consciente e séria de trazer essas questões à discussão.

